



Ciência e meio ambiente:  
urgências para o ensino  
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo  
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### AUTORRETRATOS E PÓS-MODERNIDADE: AS OBRAS DE CINDY

#### SHERMAN

**Autor<sup>a</sup>:** Andrya Pietra Garrido de Souza; [apgds17@gmail.com](mailto:apgds17@gmail.com)<sup>1</sup>

**Camilla Leite de Araújo;** [camilaleite@ufam.edu.br](mailto:camilaleite@ufam.edu.br) (Coautora e Orientadora)<sup>2</sup>

#### RESUMO

Esta comunicação propõe-se ao exercício teórico de refletir e discutir sobre o uso do dispositivo fotográfico como mecanismo de desconstrução dos estereótipos e dos modos de representação do “outro” no pensamento estético contemporâneo. Parte-se da obra da fotógrafa conceitual Cindy Sherman. Será aplicada uma perspectiva interdisciplinar que envolve Comunicação, Arte, Estudos Visuais e Filosofia, buscando compreender em que medida as características e reflexões estéticas dessas obras evidenciam a condição contemporânea da identidade, da cultura da visualidade, do jogo, da encenação e da dependência do olhar do Outro. O marco teórico será elaborado a partir de Fattorelli (2013) (2015) (2020), Fabris (2004) e Sutton (2009).

#### PALAVRAS-CHAVE

Sherman. Fotografia. Personas. Identidade. Representação.

#### 1. INTRODUÇÃO

Cindy Sherman é uma das artistas mais influentes da contemporaneidade e uma personalidade indispensável para se discutir e pensar a auto-representação, o autorretrato e a self. Considerada um marco na história da arte contemporânea por ter baseado toda a sua produção a partir da construção de personas e do uso do seu corpo para suas obras.

Dalton (2000) afirma que todos os artistas que trabalham com autorretrato de alguma forma referenciam sua obra, já que parece ter se estruturado como uma artista emblemática da representação fotográfica pós-moderna. Cindy Sherman não é apenas a fotógrafa que olha, compõe e manuseia a câmera, ela também é o corpo e o rosto que

---

<sup>1</sup> Graduanda de jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista Ufam iniciação científica.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas.

serve como tela para a sua própria obra. Sherman se tranca no estúdio com uma câmera, um espelho e os objetos de cena, figurinos, maquiagens, acessórios, perucas e próteses que ela mesma selecionou, e, sozinha, ela se monta. Mas não se referem a autorretratos. Há uma brincadeira entre o real e o fictício em sua obra.

A fotografia é uma mídia atrelada ao real, a documentação, a um índice de uma narrativa verdadeira. E desafia os espectadores, automaticamente, a questionarem e duvidarem dessas imagens. Será que é verdadeira? Será que foi montado? Foi editado?

Questionamentos que encontram reverberações na contemporaneidade, nas redes sociais, na vida instagramável e na fake news. Desde o início de sua carreira, Sherman buscou uma forma muito específica de construir representações, ao virar a câmeras para si, realizando performances visuais, nas quais interpreta personagens e os registram por meio da fotografia. Assumiu, assim, uma vasta quantidade de papéis com o objetivo de revelar a natureza persuasiva dos estereótipos e realizar uma análise crítica a respeito do imaginário dos meios de comunicação de massa. Ou seja, ao parodiar os modelos femininos vinculados pelo cinema, novela, fotonovela e publicidade, Sherman forçou seus espectadores a uma confrontação crítica entre suas ações e percepções.

Assim, a artista tornou-se conhecida por se camuflar em múltiplos retratos, assumindo posturas dos arquétipos femininos difundidos pela mídia de massas. Segundo Salvatori (2010), ela conseguiu mostrar por meio de seu corpo a enormidade das personas projetadas e, ao mesmo tempo, se esconder do público por meio da ausência essencial de sua auto-representação.

Sherman pertenece a una generación que se interesa por los códigos de representación de los medios de comunicación y la cultura popular que forman el imaginario colectivo. Ella se dirige a los tópicos y clichés empleados en la representación de la feminidad mediante los cuales se constituye a la mujer en espectáculo y se activa el fetichismo y el voyerismo. Su crítica hacia esos cánones culturales se basa en la cita y la imitación paródica, en la encarnación – deconstructiva – de los estereotipos. Su trabajo demuestra cómo la mujer se construye como imagen, cómo la feminidad es un mascarada, tal y como había planteado Rivière (1979) en los años 20 (CALDAS: 2010, p94).

A auto-representação se configura em um exercício de questionamento e busca interna, na qual o sujeito se coloca como objeto de introspecção, explorando sua própria subjetividade. Ao mesmo tempo, a encenação de autorretratos pode ser uma forma de mascaramento do 'eu', transcendendo a representação narcisista e uma forma lúdica de se vestir do outro para questioná-lo. Reflete ora sobre a própria identidade, ora por uma questão universal dos sujeitos contemporâneos, de forma que percebemos na produção contemporânea da auto-imagem a busca de sentido pela fragmentação do sujeito pós-moderno.

Segundo Salvatori (2010), inúmeros artistas fizeram suas obras a partir de materiais autobiográficos, sejam realidade ou ficção. Desta forma, ressalta a importância da compreensão do termo "autobiografia", já que este evoca uma idéia nem sempre correspondente a verdade, podendo não se referir ao uso de dados autênticos, mas da instauração de biografias, ou seja, se referem ao ato duplo de ser objeto e sujeito ao mesmo tempo. De forma que a ficção não é menos importante ou violenta que a verdade.

A ambiguidade entre o ato de buscar a si e mascarar a si através da manipulação da própria imagem. Ao fazer do corpo o principal instrumento de sua reflexão, e demonstrar sua habilidade em produzir de forma completa personalidades e paisagens, mesmo em obras sem sua presença, Sherman qualifica a fotografia com conceitos de solidez e teatralidade. A incorporação e produção de palcos estéticos e arte performática constroem essa dualidade, permitindo que seu trabalho mine o conceito de feminino definido por moldes culturais de representação de forma contínua. Nesse contexto, objetivamos refletir sobre a sua trajetória artística, na tentativa de compreender de que forma utilizou seus autorretratos construindo um momento de discussão acerca das identidades contemporâneas.

O uso que faz da fotografia como metáfora de questionamento do sujeito pós-moderno sobre sua condição indenitária.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa caracterizar-se por uma abordagem de natureza qualitativa, do tipo descritiva. Esta “delineia o que é” – abordando descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais. Em termos de procedimentos metodológicos deverá adotar a pesquisa bibliográfica a partir de uma abordagem interdisciplinar que envolve Comunicação, Arte, Estudos Visuais e Filosofia.

Um conhecimento complexo e múltiplo de olhares auxiliará na compreensão das características e reflexões estéticas das obras de Cindy Sherman como uma evidência da condição contemporânea da identidade, da cultura da visualidade, do jogo, da encenação e a dependência do olhar do “outro”.

A pesquisa bibliográfica consistirá em: revisão da literatura disponível acerca da trajetória de Cindy Sherman, da relação entre fotografia e arte e de referenciais teóricos sobre a cultura e a identidade contemporânea; e análise das obras selecionadas.

### **3. AUTORREPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE EM CINDY SHERMAN**

Maristela Salvatori (2010) disserta sobre o tempo nos processos de criações artísticas e sobre a autobiografia como fonte de criação. Entretanto, falar sobre autobiografia na obra de Sherman é complicado. Sua obra pode ser considerada autobiográfica no sentido é suas obras fazem referências à todas as mulheres de nossa sociedade, que assim como ela, crescem em um contexto social que apresenta uma série de estereótipos, modelos de ser e de agir das mulheres.

Nesse sentido, a autora afirma que o conceito de autobiografia vai além da evocação de uma ideia de verdade. A autobiografia não se refere necessariamente sobre a utilização de dados autênticos, mas sim da instauração de biografias. O termo se refere à experiência de, ao mesmo tempo, ser sujeito e objeto de sua obra. Os retratos autobiográficos exploram o subjetivo e a encenação do “eu”, porém, não se trata de um eu egocêntrico, mas sim o eu do outro. (SALVATORI, 2010)

Sherman é uma artista cuja obra se destaca ao “vestir-se do outro”. Explora uma série de identidades femininas, representando biografias e construindo histórias por meio

do seu olhar, do seu corpo, das suas ideias e concretizações. Sherman é quem está na frente e por trás da câmera fotográfica em suas obras, mas estas nunca têm “Cindy” como objeto. O vestir do outro se torna quase literal em suas fotografias.

Ao utilizar maquiagens, perucas e roupas fica claro que ela se transforma, se traveste para suas performances visuais, expondo os estereótipos atribuídos às mulheres pelos meios de comunicação de massa e pela cultura visual. Ou seja, ela reproduz imagens, não uma imagem específica de uma mídia em especial, mas uma reprodução que nos parece comum, como uma espécie de imagens em *déjà vu*. Uma cópia de nenhuma imagem específica, mas que faz referência à inúmeras imagens reproduzidas incessantemente sobre a aparência e o papel da mulher.

Ou seja, a artista faz uso do artifício da reprodução de estereótipos femininos para fazer criticar e fazer refletir sobre os estereótipos femininos reproduzidos na sociedade. Suas obras criticam, brincam e desafiam o papel designado às mulheres na sociedade do consumo, dos padrões de beleza e dos comportamentos construídos e reforçados pelos mass media.

O poder das imagens que circulam na mídia, sua influência na construção das identidades, bem como a criação desse imaginário como um produto de consumo, em uma sociedade de consumo, parecem ser sutilmente colocados em evidência pela artista, que em seus trabalhos constrói uma composição diretiva o suficiente para ser associada aos filmes ou à vida glamourosa das atrizes hollywoodianas, no entanto, sem especificar exatamente de quem se trata, ou em que circunstância. (RIBEIRO, 2008, p.36).

Sherman questiona os padrões sociais femininos que são reproduzidos de forma tão repetitiva que se tornam comuns, e, muitas vezes, invisíveis. Imagens que alienam a individualidade e a autenticidade humana - o fetichismo da arte e da imagem-, propagada pela superestrutura capitalista.

Ao se travestir de suas personagens, Sherman se veste de conceitos, ideias e pensamentos. Torna-se uma representação visível da “sociedade de espetáculo” e consumista (RIBEIRO, 2008).

O corpo é conceito e instrumentos que se destaca na obra de Sherman. A mensagem é visual e deve ser decifrada pela análise da linguagem corporal, das roupas, dos cabelos, das maquiagens.

Segundo Ela é o a e o na em sua obra, “a” artista responsável por passar a mensagem em sua obra e tal mensagem é passada “na” própria artista. Uma transmutação corpórea é feita, de forma que Sherman não é mais si própria, ela é o masculino e feminino, a construção de gênero e a identidade tudo isso em uma mistura imagética subjetiva. (SILVA, 2012)

Segundo Judith Butler (1990) (1997), um corpo ativo que possui transformação e instâncias ideologicamente determinadas, onde se consolidam atitudes e práticas dos indivíduos (SILVA, 2012).

Os corpos contam histórias cada ser humano carrega em sua figura física marcas do tempo, das relações sociais, afetivas, emocionais e também evidencia as marcas das transformações ou tentativas de transformações que esses sujeitos passam. O corpo é uma codificação linguística e possui uma essência ontológica invariável - ou seja possui uma natureza de existência e realidade - contudo pode ser usado para provocar uma reflexão e um questionamento dos padrões sociais estabelecidos.

A fotografia é uma tentativa de tornar o momentâneo, o instantâneo, mais eterno, ou pelo menos, em um tempo mais estendido. Benjamin (1985), ao pensar sobre as imagens na Era da reprodutibilidade técnica, aprofunda o conceito de clichê imagético e a perda da autenticidade das obras. Com a reprodutibilidade técnica, a unicidade e a aura desaparecem. Entretanto, argumenta, um retrato tem algo que vai além da genialidade do seu autor, um brilho próprio de uma vida e um indivíduo ali representado.

Assim, a fotografia permitira aos indivíduos comuns, cujos nomes foram esquecidos pela história dos grandes, serem vistos, representados e, de alguma forma, terem suas vidas reconhecidas e valorizadas.

Nesse sentido, pensamos que as obras de Sherman, apesar de trazerem rostos e histórias de vida aparentemente desconhecidos ou vazios, por serem apenas a imagem

de um personagem, faz com que o espectador reconheça em seu reflexo a si próprio e ao “outro”.

Em seus 35 anos de carreira e suas mais de 300 fotografias, Cindy ainda inspira diversas interpretações e deslumbramentos, sendo considerada uma referência na arte da fotografia contemporânea. Ao se retratar, ela fala do “outro”; ao vermos o “outro” nas obras de Sherman, vemos a nós mesmos.

Sendo uma artista e fotógrafa pós-moderna, Sherman não possui uma proposta estética ou um estilo artístico específico, a beleza não é o centro principal de suas obras e sim a introspecção dos personagens representados.

Para Hall (2006), a identidade é um caráter de mudança na modernidade tardia. A globalização é um fator de crise indenitária. As crenças nas chamadas “antigas identidades” - o sujeito do iluminismo e o sujeito sociológico – entram em decadência. O novo indivíduo é adaptável e fragmentado: o sujeito pós-moderno. Mutável e móvel, não possui um “eu” único. Assume diversas facetas em diversas situações influenciadas pelas pessoas e sistemas culturais que o rodeiam.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados dessa pesquisa dizem respeito a formulação dos referenciais teóricos que compõem os objetivos específicos da pesquisa: a) identificar os diferentes usos da fotografia pela artista para desconstruir estereótipos femininos na história da arte, na fotografia, no cinema, na mídia do entretenimento e nas redes sociais;

b) entender de que forma a trajetória artística de Cindy Sherman nos permitem pensar sobre o jogo, a encenação e o olhar do “outro” nas selfies e autorretratos contemporâneos.

Um estudo preliminar sobre os diferentes usos da fotografia pela artista para desconstruir os estereótipos femininos na história da arte, na fotografia, no cinema, na mídia do entretenimento e nas redes sociais.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A câmara clara: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOWLEN, Joan Elizabeth. ZIMMERMAN, Peter Montgomery. Body Language: The Presence and Absence of Cindy Sherman, Sherrie Levine and Barbara Kruger. Thesis for the degree of Bachelors of Arts in Art/Art History. The College of William and Mary. Williamsburg- VA, 2008.

Butler, J. (1990). Gender trouble. Feminism and the subversion of identity. London and New York: Routledge, pp. 1-34.;

Butler, J. (1993). Bodies that matter. On the discursive limits of »sex». London and New York: Routledge, pp. 1-16, 27-55 e 223-230; Butler, J. (1997). Excitable speech. A politics of the performative. London and New York: Routledge, pp. 40 e 137ss

CALDAS, María Del Mar Rodríguez. Las estrategias de Jo Spencer y Cindy Sherman In: Auto-retrato e auto-representação. Revista Estúdio, Artistas Sobre Outras Obras. Ano I, numero 2, dezembro, Lisboa, 2010.

DALTON, Jennifer. Look at me. Self-Portrait Photography After Cindy Sherman. In: The MIT Press Performing Arts Journal, vol 22, n3, set, p.47-56, 2000. FABRIS, Anateresa. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. FATORELLI, Antonio.

BRUNO, Fernanda. Limiares da Imagem: tecnologia e estética na cultura Contemporânea. São Paulo: Mauad, 2009.

FATORELLI, Antonio. CARVALHO, Vita.

FATORELLI, Antonio. Fotografia Contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias. São Paulo: Senac, 2020.



GATTI, Fabio Luiz Oliveira. Auto-Retrato. A expressão fotográfica e o desenho simbólico. In: Revista Anpap. 18 Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. 21 a 21 de setembro, Salvador-Bahia, 2009.

MEDEIROS, Margarida. Fotografia e narcisismo: o auto-retrato contemporâneo. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000. PIMENTEL, Leandro. Fotografia Contemporânea: Desafio e Tendência. São Paulo: Mauad, 2016.

PRADA, Angela. NGELO, Roberto Berton de. Cindy Sherman e Gênero: formas de olhar. p237- 249 In: Caderno Espaço Feminino, v.20, n02, Ago./Dez. 2008.

PRADA, Angela. Auto-Retratos da pós-Modernidade: Cindy Sherman Em "Untitled Film Stills". P173- In: Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais UFG. Vol 7, n1, jan- jun, ISSN 1679-6748, Goiânia-Go, 2009.

SALTZ, Jerry. Sherman's March of Time: The Original Chameleon shows Her Characters' Aging - And is Reborn. New York, 1 december 2008.

SALVATORI, Maristela. A autobiografia como fonte de criação. In: Revista Estúdio. Vol.1, n2, p137-138, 2010. SILVA, Marcela Maria Dantas da. Identidades Metamorfoseadas: Uma Perspectiva De Cindy Sherman. 2012.

SUTTON, Damian. Photography, cinema, memory: the cristal image of time. Mineapolis: University of Minessota Press, 2009.